

Faz de
Conta

Formato

Mirna Pinsky

Faz de Conta

Ilustrações de Paula Ambrosio

Prêmio Acervo Básico da Fundação Nacional do
Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) — 2003
Selecionado para o Salão Capixaba — ES

7ª edição
2020



Formato

Presidência Mario Ghio Júnior
Direção de Operações Alvaro Claudino dos Santos Junior
Direção Editorial Daniela Lima Villela Segura
Gerência Editorial e de Negócios Carolina Tresolavy
Gerência Editorial Fabio Weintraub
Edição Laura Vecchioli
Planejamento e Controle de Produção Flávio Matuguma,
Juliana Batista e Juliana Gonçalves
Projeto Gráfico e Diagramação Nathalia Laia
Revisão Kátia Scaff Marques (coord.), Brenda T. M. Morais, Claudia Virgilio,
Daniela Lima, Malvina Tomáz e Ricardo Miyake
Suplemento de Leitura e Projeto de Trabalho Interdisciplinar Kandy Saraiva
Manuscritos (capa, p. 22, 36 e 60) Gui Menga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pinsky, Mirna

Faz de conta / Mirna Pinsky ; ilustrações de Paula Ambrosio — 7. ed. — São Paulo : Formato, 2020.

64 p. : il., color.

Prêmio Acervo Básico da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) — 2003

Selecionado para o Salão Capixaba — ES

ISBN 978-85-5401-006-5

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Ambrosio, Paula

20-2502

CDD: 028.5

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL525030
CAE 727333

2020

7ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Formato

Direitos desta edição cedidos à

Somos Sistemas de Ensino S.A.

Av. Paulista, 901, Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01310-200 | Tel.: (0xx11) 4003-3061

Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

www.coletivoleitor.com.br

*Para Fabian,
que faz as coisas acontecerem.*



Sumário

Nós temos um clube	9
Galileu se intromete e conta um pedaço desta história	13
Onde foi mesmo que eu parei?	18
Vocês sabiam que a Milena é mágica?	23
Encontrei o bilhete do Juju	26
Primeira carta do Juju, o peixinho	33
Desescondi o meu segredo	35
Segunda carta do peixinho Juju	41
Dona Nina brinca de médico e se esquece de mim!	43
Ó só, a Estela se embeijou pela oncinha!	48
Última carta do peixinho Juju	55
Botamos os piratas no chinelo	58



Nós temos um clube



O clube é meu e do Maneco. Fica no fundo da garagem do nosso prédio, entre o carro do pai dele e o do meu. Não é um clube muito grande, mas, pros dois sócios que tem, está bom. Quer dizer, está bom quando o pai dele não encosta muito o carro na vaga do meu. Aí a gente tem que entrar um por vez.

O seu Balbino, que é o zelador do prédio, não sabe do nosso clube. Quando aparece na porta da garagem, fazendo crec-crec com a perna direita, que arrasta no chão, a gente põe o clube todo debaixo do braço e sai correndo. Outro dia, numa dessas, metade do teto ficou enroscado no para-lama do carro, e ninguém entendeu como é que a cueca do meu pai foi parar ali.

O Maneco é o presidente e eu, a vice-presidente. Quando a mãe do Maneco põe ele de castigo, eu viro presidente. Aí eu mando em tudo. Mando até na Milena — mas às vezes ela faz que não ouve e tenho que amarrar as latas no rabo dela (Milena é a gata do seu Balbino).

Depois do dia primeiro de abril, que foi quando o Maneco ficou dois dias de castigo, fiquei presidente e combinei um plano ótimo com a Milena.

Fiz ela virar cachorro, para poder mergulhar no tanquinho do parque. É que tinha um tesouro escondido no meio do tanque e ela ia me ajudar a pegar.

Na hora em que o sorveteiro foi fazer xixi na venda e deixou o carrinho para eu dar uma olhada, mergulhei a Milena na água e fiquei de fora. Ela latia de um jeito muito parecido com miado, por isso eu disse pra ela:

— Fica quieta, senão vai todo mundo pensar que você é gato, e o seu Balbino vem te buscar.

O seu Balbino tem ciúme da gata dele. Não gosta que a gente brinque com ela.

Mas a Milena é teimosa e fez o mesmo guincho esquisito de novo.

Aí eu mergulhei ela um pouquinho mais na água — que era para ficar quieta e também localizar nosso tesouro.

Ela me arranhou o braço como se fosse uma gata e fez que não ia buscar tesouro algum. Para ela, no fundo do tanque só tinha lata enferrujada.

— Ô sua boba — eu falei —, não está vendo que é na lata que está o tesouro?

Ela mostrou que duvidava: imagine se tesouro cabe em lata de ervilhas!

— Você é mais cega que coruja de dia, hein, Milena — eu disse. — Aposto que não viu a lata de chocolate em pó.

Eu sabia da lata porque já tinha feito, sozinha, uma excursão de reconhecimento com o aquário do Juju. Botei o fundo do aquário na água e enfiei a cara dentro. Foi assim que descobri que ao lado do pé da estátua tinha aquela lata suspeita. Claro que não contei pra ninguém. Nem pro Maneco, nem mesmo pro Juju, o peixinho, que foi tão camarada comigo. O Juju — o nome dele é Juventino, Juju é apelido — concordou em me emprestar o aquário e ficar nadando na pia do banheiro. Apesar disso, eu não quis dizer nada pra ele, pois dava de ele contar pro Galileu, que é o maior fofoqueiro da paróquia, e alguém ia acabar afanando o meu tesouro.

Mas a Milena só queria saber de berrar e me arranhar. Abriu uma brecha *deste* tamanho no meu braço, e foi quando o sorveteiro saiu da venda.

Escondi depressa a Milena debaixo do meu capote, mas o rabo ficou de fora. Chegou a Estela e pediu um picolé de uva. Quando pegou o dinheiro, deu de olho no rabo da Milena e gritou:

— Ca... na, que que é isso debaixo do teu casaco?

— Um rabo.

— Rabo de quê?

Daí eu não ia contar toda a história da Milena, que tinha virado cachorro pra me ajudar a catar o tesouro. Além do mais, ela tinha me chamado pelo meu nome e eu detesto meu nome. Então menti:

— Rabo de oncinha. Deixaram ela num bercinho na porta de casa, ontem. E minha mãe deu ela pra mim.

Sabia que iria morrer de inveja:

— É mesmo? Nina, Nininha, deixa eu segurar a oncinha um pouco?

Quando usou meu apelido, amoleci. E estava quase abrindo o casaco pra passar a Milena pro colo da Estela, quando me lembrei da aula de desenho. Na aula de desenho ela tinha jurado que a minha flor tinha cara de mato e que meu lago parecia uma poça de água suja. Fiquei com raiva.

— Não pode — eu disse. — A onça não gosta de gente que toma sorvete de uva. Ela tem alegria de uva.

— Ela tem o quê? — perguntou o irmão da Estela, que está no sétimo ano.

— Alegria, alegria. Ela não pode ver uva que fica com o pelo todo espetado.

Ele caiu na gargalhada e chacoalhou tanto a cabeça que os óculos escorregaram do nariz e foram cair dentro do tanque.

Aí ele ficou bravo comigo:

— Você fica falando besteira e eu perco meus óculos. Não é *alegria*, sua bobona. É *a-ler-gia*. Agora vá buscar os óculos.

Sabia mesmo que a palavra tinha ficado esquisita naquele lugar, mas, depois que disse, só podia repetir.

— Tem um problema. É que está na hora do lanche da oncinha. E sabe como é que é: ela é capaz de comer qualquer um, se não receber comida na hora certa.